

**A TOPOGRAFIA DA *DARK WEB* E SEUS NÃO LUGARES**

Richele Grengue Vignoli – UEL  
Silvana Drumond Monteiro – UEL

**Resumo**

Existe no ciberespaço uma *web* profunda, escura e escondida denominada *Dark Web*. Nesse viés, essa pesquisa objetiva topografar a *Dark Web* e seus não lugares no Ciberespaço e como objetivos específicos: reunir brevemente as especificidades das webs existentes no ciberespaço; investigar as características que constroem a *Dark Web* em relação a definição, localização, acesso, conteúdo e tecnologias aplicáveis (criptografia) e contextualizar os seus não lugares na *Dark Web*. Como procedimento metodológico, essa pesquisa prevalecerá do método documental. Acredita-se que os resultados futuros alcançados com essa pesquisa possam contribuir com a CI e ampliar horizontes para outras pesquisas a respeito da temática.

**Abstract**

Exists in cyberspace a deep web, dark and hidden bias that called Dark Web. This research aims topographer Dark Web and it's no places in Cyberspace and specific objectives: to briefly meet the specificities of existing webs in cyberspace; investigate the characteristics that construct Dark Web regarding the definition, location, access, content and applicable technologies (encryption) and contextualize their places not in Dark Web. As methodological approach, this research will prevail the documentary method. It is believed that future results achieved through this research can contribute to the CI and broaden horizons for further research on the topic.

**1 INTRODUÇÃO**

Em um contexto atual e intrínseco da Pós-modernidade, problemas contemporâneos existentes no ciberespaço passam a fazer parte de uma sociedade de sujeitos híbridos e cada vez mais conectados. Ainda que em um estado de senso comum exista a descrença da existência de um espaço chamado ciberespaço, muitas inquietações estão presentes nas discussões desse ambiente com a Ciência da Informação (CI) e suas relações com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

Para tanto, com intuito de contextualizar o objeto desta pesquisa, um diálogo entre os protagonistas do filme *The Matrix* (1999, grifo nosso) é inserido na discussão para enfatizar uma realidade desconhecida:

**Neo:** - Isto não é real?

**Morpheus:** - O que é 'real'? Como você define o 'real'? Se está falando do que consegue sentir, do que pode cheirar, provar, ver, então 'real' são simplesmente sinais elétricos interpretados pelo cérebro. Este é o mundo que você conhece. O mundo como era no final do século 20. Ele só existe agora

como parte de uma simulação neurointerativa que chamamos de Matrix. Você vivia num mundo de sonhos, Neo. Este é o mundo que existe hoje. Bem-vindo ao deserto do real.

No diálogo, o personagem Neo descobre que toda a sua vida era uma invenção idealizada por máquinas, ou seja, o que ele acreditava ser a realidade, na verdade era uma inteligência artificial. No filme *The Matrix* (1999) há um universo paralelo, em que a realidade é uma ilusão. Tudo o que as pessoas conhecem, fazem ou supõem que sejam, não passa de uma realidade construída por máquinas, pela *Matrix*. Esse mundo ou universo paralelo existe e acontece na dobra mais invisível do ciberespaço, em uma *web* escondida, escura, *underground*, opaca e profunda: a **Dark Web**. Desta forma, a *web* em que todas as pessoas navegam, ou ainda, a única aparentemente existente é caracterizada na literatura científica, por *Web* da Superfície (*Surface Web*) e/ou *Web* Visível (BECKETT, 2009) a que todos veem e usam. Por isso, assim como em *The Matrix* (1999) há uma realidade paralela repleta de devires e potencialidades desconhecidas pela maioria das pessoas que está presente na *Dark Web*.

A *Dark Web* apresenta-se como o local mais obscuro e invisível do ciberespaço. Essa obscuridade está relacionada a sua compração com a *Web* Visível da Superfície visto que para acessar a *Dark Web* são necessários *softwares* intermediadores, pois os buscadores comuns não conseguem recuperar seus sítios. Ressalta-se que assim como na *Web* Visível, a amplitude temática é constante nas páginas da *Dark Web*, já que de acordo com Beckett (2009) esta *web* pode conter de 5 a 100 vezes mais informações que a *Web* da Superfície, dado que por si só justifica e instiga a pesquisa na CI. De qualquer forma, as potencialidades acadêmicas dessa *web* é notória e persistem.

Espaços não explorados ou desconhecidos e principalmente irrastráveis podem ser também definidos sob a ótica do conceito de Não Lugar de Augé (2012, p. 98) em que na realidade “[...] os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja.” Assim, os não lugares podem ser qualquer lugar e lugar algum e se há a impossibilidade de rastreamento do ambiente virtual, o lugar é um não lugar em sua essência. Ainda segundo Augé (2012) os não lugares nunca estão prontos e sempre estão no presente. Características que correspondem a ambientes pós-modernos e totalmente fluídos e versáteis, desterritorializados e desconstruídos, como os não lugares da *Dark Web*.

A partir das conceituações explicitadas, parte-se da premissa que a *Dark Web* possui potencial para a pesquisa e exploração acadêmica e respectivamente para o constructo da CI. Questiona-se que tipo de espaço representa essa *web* e o que há de conteúdo informacional e

tecnologias nesse ambiente. Os caminhos a serem percorridos para que o acesso e a localização da *Dark Web* sejam possíveis, também farão parte dos desígnios que permeiam esta pesquisa. O objetivo geral desse estudo prevê topografar a *Dark Web* e seus não lugares no Ciberespaço e como objetivos específicos: reunir brevemente as especificidades das demais *webs* existentes no ciberespaço; investigar as características que constroem a *Dark Web* em relação a definição, localização, acesso, conteúdo e tecnologias aplicáveis (criptografia) e contextualizar os seus não lugares. A metodologia a ser adotada revê uma pesquisa de método indutivo informal, pesquisa básica com abordagem qualitativa e delineamento de pesquisa documental que utilizará dos preceitos de Witter (1990, p. 19) em que “[...] é estritamente a que é feita tendo por base qualquer um dos suportes de informação decorrentes de momentos anteriores à pesquisa quer em andamento, quer relatadas, ou então de informações resultantes do Fazer Humano [...]”. A partir dos procedimentos metodológicos buscar-se-á estruturar um *corpus* principalmente a respeito da *Dark Web*.

## 2 O CIBERESPAÇO

Ciberespaço foi um termo cunhado por William Gibson em 1984. Gibson (1984, p. 48) apresenta o seu conceito ao que seria o ciberespaço:

O ciberespaço. Uma alucinação consensual, vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todas as nações, por crianças a quem estão ensinando conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas que abrangem o universo não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como luzes de cidade, retrocedendo.

Já para Monteiro (2007, p. 6) “O ciberespaço pode ser concebido também, como um novo mundo, um novo espaço de significações, um novo meio de interação, comunicação e de vida em sociedade.” Baseado nas definições da autora, o ciberespaço está repleto de possibilidades para a comunicação que em verdade, não se findará. No ciberespaço, as pessoas se relacionam, comunicam-se e a dimensão de toda essa comunicação é incontrolável, imensurável, assim como é o ciberespaço e suas potencialidades.

O ciberespaço é um ambiente formado de linguagem digital que permite que a comunicação ocorra sob esse mesmo aspecto, da virtualização. Lévy (1996) explica que a máquina contemporânea desconstrói o computador e o substitui por um lugar de comunicação navegável nos fluxos de informação. O autor demonstra também que “O computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma, um computador hipertextual, disperso, vivo, pululante, inacabado, virtual [...] o próprio ciberespaço.” (LÉVY, 1996, p. 46). O próprio ciberespaço, que não é palpável, nem tangível, nem acorrentado a um computador

ou máquina específica, nem tampouco a uma pessoa ou localização espacial. O ciberespaço que está em todo lugar e em lugar nenhum.

De acordo com Koepsell (2004) o ciberespaço seria primeiramente constituído de esquemas técnicos abstratos. Dessa forma, o autor enfatiza questões intrínsecas ao processamento da máquina para que o ciberespaço possa existir, como por *bits*, *bites*, palavras que representam grupos de *bites*, algoritmos e softwares. Por conseguinte, além de elementos lógicos da máquina, o ciberespaço, por meio de uma simbiose, agrupa humanos e máquinas em um sistema de comunicação eletrônica global (SANTELLA, 2004).

Portanto, na composição do ciberespaço, é necessário que exista a conexão com a internet; que após conexão, seja possível a navegação nesse espaço virtual e que nesse espaço, a comunicação entre a máquina (conectada) e o homem (quem navega) aconteça. Monteiro (2007) faz amarrações necessárias e que corroboram com as ideias supracitadas, pois no ciberespaço: a) a internet o possibilita; b) a *web* é o seu edifício central, o seu principal lugar. Assim, o ciberespaço, não pode existir sem a máquina e suas conexões e sem o homem e o contrário também é verdadeiro, pois é nessa simbiose que o ciberespaço é incorporado e que a comunicação entre estes ocorre.

### **3 A DARK WEB**

A *Dark Web* ou *Web* Escura teve início com a tese de doutorado de Ian Clarke da *Edinburgh University* em 1995. No projeto de Ian, intitulado de “*Distributed, Decentralised Information Storage and Retrieval System*”, o *download* do *software* desenvolvido por ele, Freenet, era gratuito e previa o acesso à internet, aos *websites*, *chats* ou compartilhamento de arquivos de forma anônima na rede. De fato, a intenção de Ian era promover uma internet que possibilitasse a liberdade de expressão e de navegação. Porém, com a distribuição do Freenet em 2000, mais de 2 milhões de *downloads* foram realizados em 9 anos principalmente na Europa e EUA (BECKETT, 2009) o que comprovou a sua aceitação em massa. Becket (2009) demonstra algumas nomenclaturas que podem ser encontradas para a *Dark Web*, como *darknet* (net escura), *deep web* (*web* profunda), *invisible web* (*web* invisível), *dark address space* (espaço de endereço escuro), *murky address space* (espaço de endereço sombrio) e *dirty address space* (espaço de endereço sujo). Mas de acordo com o autor, esses nomes não significam de fato o que parecem significar, isto porque muitas vezes a *Uniform Resource Locator* (URL) de uma página está invisível porque ficou inativa e não necessariamente por seu tipo de conteúdo.

De acordo com Everett (2009) o termo ‘*dark internet*’ é utilizado para descrever qualquer rede hospedeira que parece ser inacessível usando meios *online* convencionais. A

*Dark Web* significa que nenhum servidor *web* pode ser encontrado por um mecanismo de busca regular, como por exemplo, pelo Google. A *Dark Web* representa também um lugar do ciberespaço normalmente desconhecido e muitas vezes utilizada para atos ilícitos. Para Monteiro e Fidêncio (2013) a *Dark Web* é o continente mais verdadeiramente escuro do ciberespaço. Segundo os autores, essa *web* representa a “Rede global de usuários e computadores que operam a margem da visibilidade e das agências fiscalizadoras [...]” (MONTEIRO; FIDÊNCIO, 2013, p. 43). Na prática, os usuários e seus computadores não podem ser rastreados na *Dark Web*. Ainda que aparentemente utilizada para o mal, vários elementos adversos podem influenciar a obscuridade da invisibilidade de uma *web*, tal qual: incapacidade do indexador ou do motor de busca na varredura das informações; falta de patrocínio ou publicidade; páginas com acesso restrito e possível por meio de senhas, assinaturas ou *logins*; restrições tecnológicas, entre outros (MONTEIRO, FIDÊNCIO, 2013). Como visto, em muitos casos, a *Dark Web* não é encontrada ou acessada por motivos alheios a ilegalidade.

O acesso a *Dark Web* pode ser realizado por meio de *download* do *software* Tor. O Tor é um *site* e principalmente uma rede que tem por objetivo o anonimato de acesso à internet e a proteção da privacidade do usuário (TOR, 2013). Dessa forma, o Tor possibilita que o *Internet Protocol* (IP) de um computador qualquer seja modificado, tornando o verdadeiro criptografado. Por meio do *download* do Tor e por um endereço específico de URL é possível o acesso a *Dark Web*.

De toda forma, a *Dark Web* é uma *Web* Invisível e está na camada mais profunda da *web*. Bergman (2001) apresenta alguns números para demonstrar o tamanho da *Web* profunda em relação à *Web* da Superfície: imensurável o que pode representar de 400 a 550 vezes maior em tamanho e quantidade de informações em comparação com a *Web* da Superfície; que existem mais de 200.000 *sites* profundos; que 60 *sites* profundos da *web* chegam a ter 750 *terabytes* de informação, o que ultrapassa o tamanho da *Web* da superfície em 40 vezes; que as buscas na internet da superfície correspondiam a somente 0.03% das páginas da *web* disponíveis ou existentes na *Web* profunda. Atualmente a *Dark Web* é acessada por pessoas que desejam navegar no ciberespaço sem identificação, o que não significa que estas mesmas pessoas queiram praticar crimes. É evidente que a *Dark Web* apresenta um local virtual propício à ilegalidade ou pirataria, mas em muitos casos pode representar apenas a liberdade de ir, vir e pensar no ciberespaço.

#### 4 OS NÃO LUGARES

Um lugar para Augé (2012, p. 73) “[...] são como indicadores do tempo que passa e que sobrevive. Perduram como as palavras que os expressam e ainda os expressarão.” Lugares estão em toda parte, existem e muitos ainda existirão, são materializados. Lugar significa o mesmo que “[...] lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico.” (AUGÉ, 2012, p. 74), ou seja, um lugar possui características com os homens que o habitam.

Ao definir um não lugar, Augé (2012, p. 73) acentua que “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar.” Desse modo, em não lugares não haverá elementos de identidade, relações ou traços históricos acerca deles mesmos e para com os seus visitantes ou usuários. Ainda para o autor, não lugares não integram lugares antigos e que não sejam lugares antropológicos. É como se os não lugares não tivessem história, e em essência o é, porque não lugares são frutos do presente, do atual, do momentâneo. Em uma sociedade pós-moderna, Augé (2012, p. 74) insere e contextualiza a predominância presencial dos não lugares:

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados [...].

Um mundo que de acordo com os preceitos de Augé (2012) está prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero. Um mundo que devido as suas vicissitudes sejam elas socioeconômicas, culturais ou hipermodernas, se vê instável, pungente e acelerado. No mundo pós-moderno ou atual, tudo está em constante mudança, alteração, transição e esvaziado de sentidos ou significados.

Para tornar visível onde os não lugares podem acontecer, Augé (2012) demonstra alguns exemplos, como: no transporte: em aviões e/ou suas vias aéreas; trens e/ou suas vias ferroviárias; ônibus e/ou suas vias rodoviárias; os aeroportos e as estações; na hospedagem: nas grandes cadeias de hotéis; no lazer: nos parques de lazer ou diversão; na comunicação: nas redes a cabo ou sem fio, que estão presentes em todo o espaço extraterrestre. Na guisa de Augé (2012), o transporte, como meio de locomoção, a hospedagem do sujeito que se locomove, o lazer com os seus atrativos em diversas localidades pelo mundo e principalmente a comunicação que interliga qualquer indivíduo com outro, representam o modo de viver contemporâneo no qual a sociedade está e a presença latente de não lugares que se desenrolam a qualquer e todo instante. Por fim, o tempo reproduz um não lugar, é em um instante, um

segundo ou em qualquer fração mínima de tempo que ocorrerá. Qualquer **lugar** pode ser um **não lugar**.

## 5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O ciberespaço, como visto, é um espaço que abriga vários outros, como as diversas *webs* existentes. Nesse contexto, objetiva-se desmitificar e explorar os espaços da *Dark Web*, que se pressupõe são pouco conhecidos. Acredita-se que o conceito e não lugar esteja presente nas características dos espaços da *Dark Web*, visto que essa *web* é trajeto de passagens sem identificação, relação ou historicidades.

Para tanto, como um estudo de caráter inovador, propõe-se que as discussões futuras dessa pesquisa possibilitem contribuições literárias para com a CI e suas temáticas interdisciplinares. Espera-se ainda, que os resultados dessa pesquisa possam ampliar horizontes acadêmicos instigando outros estudos, pesquisas e pesquisadores a respeito da temática. A *Dark Web* e seus não lugares mostram-se assim, como espaços sedutores e instigantes para a exploração acadêmica e para a CI.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BECKETT, A. **The dark side of the internet**. 2009. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/technology/2009/nov/26/dark-side-internet-freenet>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

BERGMAN, M. K. White paper: the deep web: surfacing hidden value. **Journal of Electronic Publishing**, v. 7, n. 1, ago. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3998/3336451.0007.104>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

GIBSON, W. **Neuromancer**. Tradução de Maya Sangawa e Silvio Alexandre. São Paulo: Aleph, 1991. (Coleção Zenith, v. 5).

LÉVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

KOEPSSELL, D. R. **Ontologia do ciberespaço**: a filosofia, a lei e o futuro da propriedade intelectual. São Paulo: Madras, 2004.

MONTEIRO, S. D. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **Datagramazero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/jun07/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/jun07/Art_03.htm)>. Acesso em: 07 jun. 2013.

MONTEIRO, S. D.; FIDÊNCIO, M. V. As dobras semióticas do ciberespaço: da web visível à invisível. **TransInformação**, Campinas-SP, n. 25, v. 1, p. 35-46, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/periodicocientifico>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004. (Comunicação).

\_\_\_\_\_. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. (Comunicação).

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca da informação. **Estudos de psicologia**, Campinas-SP, v. 7, n. 1, p. 5-30, jan. /jul. 1990.

THE MATRIX. Direção de Lana Wachowski e Andy Wachowski. Produção de Joel Silver. EUA: Warner Bros, 1999. 1 DVD (136min), color.

TOR. **Anonymiti online**. Disponível em: <<https://www.torproject.org/>>. Acesso em: 08 maio 2013.